

VOZES DO COTIDIANO: NARRATIVAS DOCENTES COMO TESSITURAS DE MASCULINIDADES NA ESCOLA

VOICES FROM EVERYDAY LIFE: TEACHER NARRATIVES AS WEAVINGS OF MASCULINITIES IN SCHOOL

VOCES DE LA VIDA COTIDIANA: NARRATIVAS DOCENTES COMO TESSITURAS DE MASCULINIDADES EN LA ESCUELA

George Moraes De Luiz¹

Samuel Barros Rodrigues²

RESUMO

Este estudo examina como narrativas docentes integram estudos de masculinidades no contexto escolar, utilizando uma abordagem construcionista social e pesquisa narrativa. Ao analisar relatos de professores sobre experiências com masculinidade, buscamos entender como essas narrativas incorporam questões de gênero nas práticas educacionais. A análise revelou padrões que destacam desafios e oportunidades ao abordar masculinidades. Os resultados indicam que essas narrativas não apenas documentam experiências, mas também servem como ferramentas de reflexão e transformação. Concluímos que sua integração na formação docente pode promover ambientes educacionais mais inclusivos e equitativos.

Palavras-chave: Educação; Narrativas docentes; Masculinidades; Currículo.

ABSTRACT

This study examines how teacher narratives integrate masculinity studies into the school context, using a social constructionist approach and narrative research. By analyzing teachers' accounts of experiences with masculinity, we seek to understand how these narratives incorporate gender issues into educational practices. The analysis revealed patterns highlighting challenges and opportunities in addressing masculinities. The results indicate that these narratives not only document experiences but also serve as tools for reflection and transformation. We conclude that their integration into teacher training can promote more inclusive and equitable educational environments.

Keywords: Education; Teacher narratives; Masculinities; Curriculum.

RESUMEN

Este estudio examina cómo las narrativas docentes integran los estudios de masculinidades en el contexto escolar, utilizando un enfoque construcionista social e investigación narrativa. Al analizar relatos de profesores sobre experiencias con la masculinidad, buscamos entender cómo estas narrativas incorporan cuestiones de género en las prácticas educativas. El análisis reveló patrones que destacan desafíos y oportunidades al abordar las masculinidades. Los resultados indican que estas narrativas no solo documentan experiencias, sino que también sirven como herramientas de reflexión y transformación. Concluimos que su integración en la formación docente puede promover entornos educativos más inclusivos y equitativos.

Palabras clave: Educación; Narrativas docentes; Masculinidades; Currículo.

Submetido para publicação: 22/08/2024

Aceito para publicação: 20/01/2024

Autor para contato: george@ufr.edu.br

APRESENTAÇÃO

As narrativas têm se consolidado como um paradigma fundamental na pesquisa educacional contemporânea, oferecendo múltiplas perspectivas sobre as experiências vividas,

¹ Universidade Federal de Rondonópolis – UFR – Rondonópolis – MT – Brasil – <https://orcid.org/0000-0002-0477-4930> – george@ufr.edu.br.

² Universidade Federal de Rondonópolis – UFR – Rondonópolis – MT – Brasil – <https://orcid.org/0009-0000-3033-3015> – barros.rodrigues@aluno.ufr.edu.br.

contribuições e reflexões dos educadores (Clandinin & Connelly, 2015; Goodson & Gill, 2011). Esta abordagem metodológica, ancorada no construcionismo social (Gergen, 2009) e nas práticas discursivas (Spink, 2010), reconhece que o conhecimento é construído socialmente através das interações e dos relatos pessoais. No contexto educacional, as narrativas docentes emergem não apenas como ferramentas para a compreensão do cotidiano escolar, mas também como instrumentos potentes de transformação e (auto)formação (Passeggi, Souza, & Vicentini, 2011).

A relevância das narrativas na pesquisa educacional reside em sua capacidade de refletir a complexidade e a riqueza das experiências pedagógicas, performando nuances que frequentemente escapam às abordagens quantitativas tradicionais (Bruner, 1997; Polkinghorne, 1995). Através das narrativas, os professores constroem às suas vivências, desafios e descobertas, contribuindo para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos processos educativos. Além disso, o ato de narrar em si é reconhecido como um processo reflexivo que pode levar a inspirações significativas e mudanças nas práticas pedagógicas (Schön, 2000; Zeichner, 2008).

Neste ensaio teórico, propomos explorar o papel fundamental das narrativas docentes na integração dos estudos de masculinidades no cotidiano escolar. Nossa tese central argumenta que as narrativas dos professores atuam como tessituras curriculares vivas, capazes de entrelaçar questões de gênero, particularmente as masculinidades, ao tecido diário das práticas educacionais. Esta perspectiva se alinha com o conceito de currículo narrativo proposto por Ivor Goodson (2007) e com as discussões sobre o potencial das narrativas na formação docente e na construção do conhecimento pedagógico (Nóvoa, 2009; Tardif, 2014).

A escolha de focar nas masculinidades dentro do espectro mais amplo dos estudos de gênero é particularmente relevante no contexto educacional atual. As escolas, como microcosmos da sociedade, frequentemente reproduzem e, por vezes, desafiam as normas de gênero predominantes (Connell, 2005; Mac an Ghail, 1994). As narrativas docentes sobre masculinidades oferecem reflexões valiosas sobre como essas normas são negociadas, contestadas e transformadas no ambiente escolar, alinhando-se com as perspectivas críticas sobre masculinidades na educação (Kimmel, 2008; Martino & Kehler, 2006).

Para enriquecer nossa discussão teórica, optamos por incluir narrativas de professores, obtidas de espaços abertos de publicação. Esta decisão metodológica se justifica por várias razões. Primeiramente, essas narrativas autênticas proporcionam exemplos práticos e vividos que ilustram os conceitos teóricos discutidos, *bridging the gap* entre teoria e prática (Clandinin & Rosiek, 2007). Em segundo lugar, a inclusão dessas vozes docentes alinha-se com o princípio construcionista de valorizar o conhecimento produzido pelos atores sociais em seus contextos

específicos (Holstein & Gubrium, 2008). Por fim, essas narrativas servem como pontos de partida para uma reflexão mais ampla sobre as implicações das experiências individuais para a compreensão coletiva das masculinidades no ambiente escolar (Connell & Messerschmidt, 2013).

Ao entrelaçar teoria e narrativas, este ensaio busca não apenas contribuir para o corpo de conhecimento sobre pesquisa narrativa em educação, mas também oferecer ideias práticas para educadores e pesquisadores interessados na integração de estudos de masculinidades no currículo escolar. Esperamos que esta abordagem possa iluminar caminhos para uma educação mais inclusiva e transformadora, onde as narrativas docentes sejam reconhecidas como poderosas ferramentas de mudança e construção de conhecimento (Freire, 2020; hooks, 2017).

FUNDAMENTOS TEÓRICOS-EPISTEMOLÓGICOS

A intersecção entre pesquisa narrativa, construcionismo social e estudos de masculinidades oferece um terreno fértil para explorar as complexas dinâmicas de gênero no ambiente escolar. A pesquisa narrativa e (auto)biográfica, conforme articulada por Clandinin e Connelly (2015), propõe que as histórias não são apenas objetos de estudo, mas uma forma fundamental de compreender e dar sentido à experiência humana. No contexto educacional, esta abordagem revela-se particularmente poderosa, permitindo aos educadores não apenas relatar, mas também refletir criticamente sobre suas práticas e vivências.

Josso (2007) e Nóvoa (2009) enfatizam o potencial transformador das narrativas (auto)biográficas na formação docente, argumentando que o ato de narrar a própria experiência pode levar a reflexões profundas e mudanças significativas na prática pedagógica. Esta perspectiva alinha-se com o trabalho de Passeggi, Souza e Vicentini (2011) no contexto brasileiro, que exploram como as histórias de vida dos professores podem informar políticas educacionais e práticas de formação.

O construcionismo social, fundamentado nos trabalhos seminais de Berger e Luckmann (2014) e posteriormente desenvolvido por Gergen (2009), oferece uma lente teórica fundamental para compreender como o conhecimento sobre gênero e masculinidades é socialmente construído. Esta abordagem desafia noções essencialistas de gênero, argumentando que nossas compreensões são produtos de intercâmbios históricos e culturalmente situados. Mary Jane Spink (2010) amplia essa discussão no campo das práticas discursivas, enfatizando como os

significados são negociados e construídos através da linguagem em uso, uma perspectiva particularmente valiosa ao analisar as narrativas docentes sobre masculinidades.

Os estudos de masculinidades, com contribuições seminais de Raewyn Connell (1995; 2005), oferecem um quadro teórico robusto para examinar como diferentes formas de masculinidade são construídas e negociadas em contextos educacionais. O conceito de “masculinidades hegemônicas” de Connell tem sido instrumental para compreender as dinâmicas de poder e as hierarquias de gênero que permeiam as instituições escolares. Kimmel (2008) expande essa discussão, explorando como fatores históricos, culturais e institucionais moldam as expressões de masculinidade, um marcador importante para entender o papel das escolas na construção de identidades de gênero.

No contexto específico da educação, Martino e Kehler (2006) examinam como as masculinidades são performadas e contestadas nas salas de aula, destacando o papel pivotal dos educadores neste processo. Seu trabalho ressoa com a etnografia de Mac an Ghail (1994), que oferece uma visão nuançada das complexas interações entre gênero, classe e etnia na formação das identidades masculinas dos estudantes. No Brasil, Louro (2018) traz uma perspectiva pós-estruturalista valiosa para a compreensão de como as identidades de gênero são construídas e performadas no ambiente educacional.

A integração destes fundamentos teórico-epistemológicos proporciona uma base sólida para explorar como as narrativas docentes podem iluminar a incorporação dos estudos de masculinidades no cotidiano escolar. Ao entrelaçar a pesquisa narrativa, o construcionismo social e os estudos de masculinidades, emerge uma perspectiva rica e multifacetada sobre como os educadores negociam e constroem entendimentos sobre gênero em suas práticas pedagógicas diárias. Esta abordagem não apenas reconhece a complexidade das experiências vividas pelos professores, mas também destaca o potencial transformador das narrativas na construção de uma educação mais equitativa e consciente das questões de gênero.

METODOLOGIA DE SELEÇÃO E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

A abordagem metodológica adotada neste estudo para a seleção e análise de narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar baseia-se nos princípios da pesquisa qualitativa e da análise narrativa, conforme delineados por Creswell e Poth (2014). O processo de coleta e análise de dados foi cuidadosamente estruturado para garantir rigor metodológico e relevância teórica, seguindo as diretrizes éticas para pesquisa em ciências humanas e sociais. O

processo de seleção das narrativas focou-se em espaços abertos. A pesquisa foi realizada no Portal do Professor, site marcado com licença aberta (*Creative Commons*), entre junho e julho de 2024:

1. Portal do Professor (<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>): Embora não seja exclusivamente um fórum, este portal do Ministério da Educação possui uma seção de “Interação e Colaboração” onde professores podem compartilhar experiências. O conteúdo do site é de domínio público, conforme indicado em sua política de uso.

Esta escolha metodológica alinha-se com o conceito de “pequenas histórias” proposto por Georgakopoulou (2006), que enfatiza a importância de narrativas cotidianas e aparentemente mundanas na construção de significados sociais. Além disso, a seleção de narrativas de espaços públicos online reflete a crescente importância desses meios na formação de comunidades de prática entre educadores, como destacado por Lieberman e Mace (2010).

Para garantir uma amostra diversificada e representativa, estabelecemos critérios específicos de inclusão. As narrativas selecionadas deveriam: (1) ser escritas por professores atuantes na educação básica; (2) abordar explicitamente questões relacionadas a masculinidades no contexto escolar; (3) conter elementos reflexivos sobre a prática docente; e (4) ter sido publicadas nos últimos cinco anos. Estes critérios foram desenvolvidos com base nas recomendações de Riessman (2008) para a seleção de narrativas em pesquisas qualitativas, visando assegurar a relevância e atualidade dos dados coletados.

O processo de análise das narrativas seguiu o modelo de análise temática proposto por Braun e Clarke (2006), complementado pela abordagem de “análise dialógica performative” de Riessman (2008). Esta combinação metodológica permite não apenas identificar temas recorrentes nas narrativas, mas também examinar como os professores constroem suas identidades e posicionam-se em relação às questões de masculinidade através de suas histórias. Os mapas temáticos proposto por Spink (2010) foram utilizados para facilitar a organização e codificação dos dados.

As considerações éticas foram uma preocupação central em nosso estudo, especialmente considerando o uso de narrativas publicadas em espaços públicos online. Seguimos as diretrizes éticas para pesquisa na internet propostas por Markham e Buchanan (2012), que enfatizam a importância de respeitar a privacidade e os direitos autorais dos indivíduos, mesmo em contextos online públicos. Embora as narrativas selecionadas fossem de acesso público, tomamos medidas

para proteger a identidade dos autores, utilizando pseudônimos e removendo informações identificáveis.

Além disso, consideramos cuidadosamente as implicações éticas de recontextualizar narrativas pessoais em um estudo acadêmico. Como argumentado por Josselson (2007), a análise e interpretação de narrativas pessoais envolvem uma responsabilidade ética significativa por parte do pesquisador. Para abordar essa questão, adotamos uma postura reflexiva, reconhecendo explicitamente nossa posição como pesquisadores e as limitações potenciais de nossas interpretações.

A validação dos resultados foi realizada através de triangulação metodológica, conforme sugerido por Denzin (2006), incluindo a comparação de nossas análises com a literatura existente sobre masculinidades na educação e a revisão por pares das interpretações. Além disso, seguindo as recomendações de Tracy (2010) para pesquisa qualitativa de qualidade, buscamos assegurar a credibilidade de nossas análises através de descrições densas e da apresentação de evidências substanciais para apoiar nossas interpretações.

Esta abordagem metodológica rigorosa e eticamente consciente nos permite explorar em profundidade como as narrativas docentes iluminam a integração dos estudos de masculinidades no cotidiano escolar, contribuindo para uma compreensão mais nuançada e contextualizada deste fenômeno complexo. Ao mesmo tempo, reconhecemos as limitações inerentes ao uso de narrativas públicas online e a necessidade de cautela na generalização dos resultados.

NARRATIVAS COMO TESSITURAS CURRICULARES

As narrativas docentes emergem como poderosos instrumentos na construção e reconstrução do currículo escolar, oferecendo uma perspectiva única sobre como as experiências vividas pelos educadores moldam as práticas pedagógicas e os conteúdos abordados em sala de aula. Goodson (2007) argumenta que o currículo narrativo, fundamentado nas histórias e experiências dos professores, tem o potencial de transformar profundamente a educação, tornando-a mais relevante e significativa para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ao examinar as narrativas coletadas em nosso estudo, observamos como os professores frequentemente entrelaçam suas experiências pessoais com as decisões curriculares que tomam diariamente. Por exemplo, um professor de história relata: *"Quando discuto os movimentos sociais do século XX, sempre incluo a evolução dos papéis de gênero. Minha própria jornada de*

compreensão das masculinidades influencia diretamente como abordo esses temas em sala." Esta narrativa ilustra o que Connelly e Clandinin (1988) descrevem como "conhecimento prático pessoal", onde as experiências vividas dos educadores informam diretamente suas práticas pedagógicas.

O potencial das narrativas na construção do currículo se estende além das decisões sobre conteúdo, influenciando também as abordagens pedagógicas e as interações em sala de aula. Uma professora de literatura compartilha: *"Ao discutir personagens masculinos em romances clássicos, incentivo os alunos a questionar estereótipos de gênero. Minha própria experiência de crescer com expectativas rígidas sobre masculinidade me faz valorizar essas discussões críticas."* Esta reflexão ressoa com o trabalho de Pinar (2012) sobre currículo como conversação complicada, onde as experiências pessoais e as narrativas culturais se entrelaçam no processo educativo.

A integração dos estudos de masculinidades no cotidiano escolar através das narrativas docentes revela-se um processo complexo e multifacetado. As histórias coletadas demonstram como os professores navegam as tensões entre as expectativas sociais tradicionais e as perspectivas mais progressistas sobre gênero. Um professor de educação física relata: *"Inicialmente, eu reforçava inadvertidamente estereótipos de gênero nas atividades esportivas. Através de reflexão e diálogo com colegas, comecei a implementar práticas mais inclusivas, desafiando noções rígidas de masculinidade no esporte."* Esta narrativa exemplifica o que Connell (2005) descreve como o papel das escolas na construção e contestação de masculinidades hegemônicas.

As narrativas também revelam como os professores utilizam suas próprias experiências para criar espaços de diálogo sobre masculinidades em sala de aula. Uma professora de sociologia compartilha: *"Ao discutir identidade de gênero, compartilho minha própria jornada de questionamento dos papéis de gênero tradicionais. Isso abre espaço para que os alunos explorem suas próprias percepções e experiências."* Esta abordagem alinha-se com o conceito de "pedagogia do desconforto" de Boler (1999), onde as narrativas pessoais são utilizadas para desafiar pressupostos e promover a reflexão crítica.

A análise das narrativas também revela desafios significativos na integração dos estudos de masculinidades no currículo. Muitos professores relatam resistência institucional e comunitária a discussões explícitas sobre gênero. Um professor de biologia observa: *"Ao tentar incluir discussões sobre diversidade de gênero nas aulas sobre reprodução humana, enfrentei resistência da administração escolar. Isso me fez buscar formas mais sutis de abordar o tema."*

Esta experiência ecoa as observações de Apple (2006) sobre como o currículo é um espaço de contestação política e cultural.

As narrativas docentes também iluminam como as intersecções entre masculinidade, raça e classe são negociadas no espaço escolar. Um professor negro de ensino médio relata: “*Minha presença como homem negro em uma posição de autoridade já desafia certas noções de masculinidade. Uso isso como ponto de partida para discussões sobre diversidade e representatividade.*” Esta narrativa ressoa com o trabalho de hooks (2017) sobre pedagogia engajada e a importância de reconhecer as múltiplas dimensões da identidade no processo educativo.

As narrativas docentes emergem como tessituras vivas do currículo, oferecendo reflexões sobre como as questões de masculinidade são integradas, negociadas e contestadas no cotidiano escolar. Essas histórias não apenas informam nossas compreensões teóricas sobre currículo e gênero, mas também oferecem exemplos concretos de práticas pedagógicas transformadoras. Ao reconhecer e valorizar essas narrativas, abrimos caminhos para uma educação mais reflexiva, inclusiva e atenta às complexidades das identidades de gênero no contexto contemporâneo.

VOZES DO COTIDIANO: ANÁLISE DE NARRATIVAS DOCENTES

A análise das narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar revela um panorama complexo de desafios e oportunidades, oferecendo reflexões valiosas sobre as realidades cotidianas da educação para a igualdade de gênero. Como Connell (2005) argumenta, as escolas desempenham um papel fundamental na construção e contestação de masculinidades hegemônicas, e as experiências relatadas pelos educadores corroboram essa perspectiva.

Um desafio recorrente mencionado pelos professores é a resistência inicial dos alunos a discussões sobre masculinidades. Este fenômeno alinha-se com o que Kimmel (2008) identifica como a “invisibilidade” do privilégio masculino para aqueles que o detêm. Muitos educadores relatam que os estudantes, especialmente os meninos, frequentemente reagem com desconforto ou hostilidade quando confrontados com questionamentos sobre papéis de gênero tradicionais. Butler (2019) atribui essa resistência à natureza performativa do gênero, sugerindo que desafiar normas de gênero pode ser percebido como uma ameaça à identidade.

Outro obstáculo significativo é a pressão social e cultural que reforça estereótipos de gênero. Bourdieu (2012) explora extensivamente este tema em sua análise da dominação masculina como uma forma de violência simbólica. Professores frequentemente mencionam a

influência da mídia, da família e dos pares na perpetuação de noções limitantes de masculinidade, ecoando o conceito de “masculinidade hegemônica” de Connell e Messerschmidt (2013).

No entanto, em meio a esses desafios, surgem oportunidades transformadoras. Muitos educadores relatam momentos de mudança significativa quando conseguem criar um ambiente seguro para discussões abertas sobre gênero. Esta abordagem alinha-se com a pedagogia crítica de Freire (2020), que enfatiza o diálogo como meio de conscientização. Por exemplo, a análise de personagens masculinos em obras literárias abre espaço para discutir expectativas de gênero, refletindo a abordagem de Rosenblatt (1995) sobre a literatura como um meio de exploração social e pessoal.

A interdisciplinaridade emerge como uma oportunidade valiosa, com professores de diferentes disciplinas relatando sucesso ao integrar discussões sobre masculinidades em seus currículos. Esta abordagem reflete o que Apple (2006) descreve como o currículo sendo um espaço de contestação política e cultural, e o que Pinar (2012) chama de “currículo como conversação complicada”.

As narrativas docentes revelam não apenas mudanças nas práticas de ensino, mas também transformações pessoais profundas. Hooks (2017) descreve este processo como fundamental para uma pedagogia engajada e transformadora. Muitos educadores relatam um processo de autorreflexão que os levou a questionar suas próprias concepções de gênero, alinhando-se com o conceito de “reflexividade” de Giddens (2002) e a “prática reflexiva” de Schön (2000).

Um tema recorrente é a tomada de consciência sobre os próprios preconceitos e estereótipos. Vários professores mencionam como suas experiências em sala de aula os levaram a repensar suas próprias masculinidades, um processo que Banks (2004) argumenta ser essencial para uma educação verdadeiramente multicultural e equitativa.

As narrativas também revelam mudanças significativas nas práticas pedagógicas. Muitos professores relatam adotar abordagens mais inclusivas e sensíveis ao gênero, como a inclusão de narrativas diversas nas aulas de história, refletindo o argumento de Scott (1995) sobre a necessidade de reescrever a história considerando o gênero como uma categoria analítica.

A importância da formação continuada é enfatizada por muitos educadores, alinhando-se com o conceito de “comunidades de prática” de Wenger (2022). Workshops, leituras e discussões com colegas são mencionados como cruciais para a evolução profissional dos docentes.

Vários relatos destacam como essas transformações se estendem além da sala de aula, com professores tornando-se defensores mais ativos da igualdade de gênero em suas

comunidades escolares e pessoais. Esta expansão do papel do educador reflete o que Giroux (1997) descreve como o papel dos professores como “intelectuais transformadores”.

As narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar oferecem um retrato vívido dos desafios e oportunidades enfrentados pelos educadores. Elas revelam um processo contínuo de aprendizagem, reflexão e transformação, tanto pessoal quanto profissional. Essas vozes do cotidiano escolar sublinham a importância crucial do papel dos educadores na promoção de uma compreensão mais inclusiva e equitativa das masculinidades, destacando o potencial transformador da educação na construção de uma sociedade mais igualitária, como argumentado por Freire (2020) e hooks (2017).

O PODER FORMATIVO DAS NARRATIVAS DOCENTES

As narrativas docentes emergem como poderosas ferramentas de reflexão e mudança no contexto educacional, especialmente quando se trata da abordagem de questões de gênero e masculinidades. Bruner (1997) argumenta que as narrativas não apenas representam a realidade, mas também a constroem, oferecendo um meio através do qual os educadores podem examinar criticamente suas práticas e crenças.

No âmbito da formação docente, as narrativas desempenham um papel crucial na promoção da reflexividade profissional. Schön (2000) enfatiza a importância da “reflexão-na-ação” e “reflexão-sobre-a-ação” como processos fundamentais para o desenvolvimento profissional dos educadores. Através das narrativas, os professores podem engajar-se em um diálogo interno e externo sobre suas experiências, desafiando pressupostos e explorando novas perspectivas sobre masculinidades e gênero no ambiente escolar.

Connell (1995) argumenta que as masculinidades são construções sociais dinâmicas e múltiplas, e as narrativas docentes frequentemente refletem essa complexidade. Por exemplo, um professor relata: *“Ao compartilhar minha própria jornada de questionamento dos estereótipos masculinos, percebi como isso abriu espaço para que meus alunos fizessem o mesmo.”* Esta narrativa ilustra o que hooks (2017) descreve como pedagogia engajada, onde o educador também se coloca como aprendiz e participante ativo no processo de transformação.

As narrativas também servem como catalisadores para a construção de novas masculinidades no ambiente escolar. Kimmel (2008) destaca a importância de desafiar a “masculinidade hegemônica” e promover modelos mais inclusivos e equitativos. Uma educadora compartilha: *“Ao introduzir histórias de homens que desafiam estereótipos de gênero em minhas*

aulas de literatura, notei uma mudança gradual na forma como os alunos discutiam masculinidade.” Esta abordagem alinha-se com o que Rosenblatt (1995) descreve como a função social da literatura na educação.

Butler (2019) argumenta que o gênero é performativo, e as narrativas docentes frequentemente ilustram como essa performatividade pode ser desafiada e reconstruída no contexto escolar. Um professor de educação física relata: *“Comecei a questionar a divisão automática por gênero nas atividades esportivas, incentivando todos a participarem de todas as modalidades. Isso gerou resistência inicial, mas gradualmente vi os alunos redefinindo o que significa ser ‘masculino’ no esporte.”*

As narrativas também revelam como os educadores navegam nos desafios institucionais e culturais ao promover masculinidades alternativas. Bourdieu (2012) discute como as estruturas sociais reproduzem desigualdades de gênero, e muitas narrativas docentes refletem essa tensão. Uma professora compartilha: *“Enfrentei resistência da administração escolar ao propor um currículo mais inclusivo em termos de gênero, mas usar exemplos concretos de como isso beneficiava todos os alunos ajudou a ganhar apoio.”*

Freire (2020) enfatiza a importância do diálogo na educação transformadora, e as narrativas docentes frequentemente ilustram como esse diálogo pode ser facilitado em relação às questões de masculinidade. Um educador relata: *“Criar espaços seguros para discussões abertas sobre masculinidade permitiu que os alunos expressassem vulnerabilidades e questionassem expectativas sociais de uma forma que nunca tinha visto antes.”*

A interseccionalidade, conceito desenvolvido por Crenshaw (1989), também emerge como um tema importante nas narrativas docentes sobre masculinidades. Educadores relatam como a compreensão das interseções entre gênero, raça, classe e sexualidade enriquece suas abordagens pedagógicas. Um professor observa: *“Percebi que não podia falar sobre masculinidade sem considerar como ela é vivenciada diferentemente por alunos de diferentes origens.”*

As narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar oferecem um rico terreno para reflexão, aprendizagem e transformação. Elas ilustram o que Giroux (1997) descreve como o papel dos professores como “intelectuais transformadores”, capazes de desafiar e reconstruir normas de gênero através de suas práticas pedagógicas. Essas narrativas não apenas documentam experiências, mas também servem como ferramentas poderosas para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e equitativos em termos de gênero. Como argumenta

Pinar (2012), o currículo é uma “conversa complicada”, e as narrativas docentes sobre masculinidades contribuem significativamente para essa conversa, promovendo uma educação que desafia estereótipos de gênero e fomenta o desenvolvimento de masculinidades mais saudáveis e diversas.

IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

As narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar oferecem um rico manancial de reflexão que informam tanto a teoria quanto a prática educacional. Ao examinar essas narrativas, emergem implicações significativas para a formação de professores, métodos de pesquisa e práticas pedagógicas.

No âmbito da formação docente, as abordagens narrativas apresentam um potencial transformador. Clandinin e Connelly (2015) argumentam que o conhecimento dos professores é fundamentalmente narrativo, e incorporar essa perspectiva na formação docente pode enriquecer significativamente o processo de aprendizagem profissional. A utilização de narrativas permite aos futuros educadores e aos já atuantes explorarem criticamente suas próprias experiências e crenças sobre gênero e masculinidades. Esta abordagem alinha-se com o conceito de “conhecimento prático pessoal” de Elbaz (1983), que enfatiza a importância das experiências vividas dos professores na construção de seu conhecimento profissional.

Schön (1983) destaca a importância da prática reflexiva no desenvolvimento profissional dos educadores. As narrativas servem como ferramentas poderosas para estimular essa reflexão, permitindo que os professores examinem criticamente suas práticas em relação às questões de gênero e masculinidades. Ao narrar e analisar suas experiências, os educadores podem identificar pressupostos implícitos, desafiar estereótipos e desenvolver abordagens mais inclusivas e equitativas em sala de aula.

Como método de pesquisa, as narrativas oferecem uma janela única para a compreensão das realidades vividas pelos educadores. Polkinghorne (1995) argumenta que a pesquisa narrativa permite capturar a complexidade e a riqueza das experiências humanas de uma maneira que métodos mais tradicionais podem não conseguir. No contexto das masculinidades na educação, as narrativas docentes revelam as nuances e contradições que os educadores enfrentam ao navegar por questões de gênero em suas práticas diárias.

Bruner (1997) enfatiza o papel das narrativas na construção de significado, um conceito particularmente relevante quando se trata de compreender como os educadores interpretam e

respondem às questões de masculinidade em suas salas de aula. A análise dessas narrativas pode informar teorias educacionais sobre gênero, oferecendo problematizações sobre como as concepções de masculinidade são negociadas e transformadas no ambiente escolar.

Na prática pedagógica, as implicações das narrativas docentes são multifacetadas. Hooks (2017) argumenta por uma pedagogia engajada que reconhece a interconexão entre teoria e prática. As narrativas analisadas informam estratégias concretas para abordar masculinidades em sala de aula, desde a criação de espaços seguros para discussões abertas até a integração de perspectivas diversas no currículo.

Connell (2005) destaca o papel das escolas na construção e contestação de masculinidades hegemônicas. As narrativas docentes oferecem exemplos práticos de como os educadores podem desafiar estereótipos de gênero e promover masculinidades mais inclusivas. Essas experiências informam abordagens pedagógicas que reconhecem a diversidade de expressões masculinas e fomentam um ambiente escolar mais equitativo.

A análise das narrativas também revela a importância da interseccionalidade, conceito desenvolvido por Crenshaw (1989), na compreensão das masculinidades no contexto educacional. As experiências relatadas pelos educadores demonstram como fatores como raça, classe e sexualidade se entrelaçam com o gênero, informando práticas pedagógicas mais holísticas e inclusivas.

As narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar têm implicações profundas tanto para a teoria quanto para a prática educacional. Elas oferecem um meio valioso para enriquecer a formação de professores, informar métodos de pesquisa e aprimorar práticas pedagógicas. Ao incorporar essas narrativas em nossa compreensão da educação e gênero, podemos avançar em direção a abordagens mais reflexivas, inclusivas e transformadoras no tratamento das masculinidades no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas docentes sobre masculinidades no contexto escolar revelam-se como poderosas ferramentas de reflexão, transformação e construção de conhecimento. Ao longo deste estudo, exploramos como essas narrativas não apenas enfatizam as complexidades das relações de gênero nas escolas, mas também oferecem caminhos para a promoção de ambientes educacionais mais equitativos e inclusivos.

A integração entre teoria e prática, evidenciada nas narrativas analisadas, demonstra a riqueza do conhecimento prático dos educadores. Como Schön (2000) argumenta, a reflexão-nação e sobre-a-ação dos professores constitui um valioso recurso para o desenvolvimento profissional e a transformação das práticas pedagógicas. As narrativas coletadas neste estudo exemplificam esse processo reflexivo, mostrando como os educadores negociam e redefinem concepções de masculinidade em suas interações diárias com os alunos.

O potencial transformador das narrativas na integração dos estudos de masculinidades no cotidiano escolar é notável. Connell (1995) enfatiza que as masculinidades são construções sociais dinâmicas, e as narrativas docentes ilustram vividamente como essas construções são desafiadas e reconstruídas no ambiente escolar. Os relatos dos educadores mostram que, ao abordar criticamente as questões de gênero em sala de aula, eles não apenas promovem a conscientização entre os alunos, mas também instigam mudanças em suas próprias percepções e práticas.

A perspectiva interseccional, como proposta por Crenshaw (1989), emerge como um tema recorrente nas narrativas, destacando a importância de considerar como diferentes eixos de identidade - como raça, classe e sexualidade - se entrelaçam com as construções de masculinidade. Esta abordagem multifacetada enriquece nossa compreensão das complexidades envolvidas na formação das identidades masculinas no contexto escolar e aponta para a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis à diversidade.

O conceito de performatividade de gênero de Butler (2019) encontra eco nas experiências narradas pelos educadores, que frequentemente descrevem como as normas de gênero são reiteradas ou desafiadas através de práticas cotidianas na escola. As narrativas revelam o papel fundamental dos educadores como agentes de mudança, capazes de criar espaços onde masculinidades alternativas podem ser exploradas e validadas.

Olhando para o futuro, este estudo aponta para caminhos promissores para pesquisas narrativas no campo da educação e estudos de gênero. Uma área fértil para investigação futura é a exploração mais aprofundada de como as narrativas docentes podem ser efetivamente incorporadas nos programas de formação de professores, tanto inicial quanto continuada. Pesquisas longitudinais que acompanhem o impacto a longo prazo das abordagens narrativas na prática docente e na cultura escolar também seriam valiosas.

Além disso, há um amplo espaço para estudos comparativos que examinem como as narrativas sobre masculinidades se manifestam em diferentes contextos culturais e educacionais.

Tais pesquisas poderiam oferecer reflexões sobre como as concepções de masculinidade variam entre culturas e como essas variações impactam as práticas pedagógicas.

Outra área promissora para pesquisas futuras é a investigação de como as tecnologias digitais e as mídias sociais influenciam as narrativas sobre masculinidades no contexto educacional. Com a crescente digitalização da educação, compreender como essas plataformas moldam e são moldadas por concepções de gênero torna-se cada vez mais relevante.

Em conclusão, este estudo demonstra a importância das narrativas docentes como ferramentas de reflexão, pesquisa e transformação no campo da educação e estudos de gênero. Ao focar nas experiências vividas dos educadores, não apenas enriquecemos nossa compreensão teórica das masculinidades no contexto escolar, mas também abrimos caminhos para práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas. As narrativas analisadas neste trabalho não são apenas relatos do passado, mas sementes para um futuro educacional onde a diversidade de expressões de gênero é celebrada e onde todos os alunos podem florescer, livres de estereótipos limitantes.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BANKS, J. A. Multicultural education: Historical development, dimensions, and practice. In: BANKS, J. A.; BANKS, C. A. M. (Eds.). **Handbook of research on multicultural education**. 2. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2004. p. 3-29.

BAZELEY, P.; JACKSON, K. **Qualitative data analysis with NVivo**. 2. ed. London: Sage, 2013.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOLER, M. **Feeling power**: Emotions and education. New York: Routledge, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CLANDININ, D. J.; ROSIEK, J. Mapping a Landscape of Narrative Inquiry: Borderland Spaces and Tensions. In: CLANDININ, D. J. (Ed.). **Handbook of narrative inquiry**: Mapping a methodology. Thousand Oaks: Sage, 2007. p. 35-75.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. 2. ed. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. **Teachers as curriculum planners: Narratives of experience**. New York: Teachers College Press, 1988.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DENZIN, N. K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ELBAZ, F. **Teacher thinking: A study of practical knowledge**. London: Croom Helm, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. **Narrative Inquiry**, v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2009v6n1p299>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOODSON, I. F. All the lonely people: The struggle for private meaning and public purpose in education. **Critical Studies in Education**, v. 48, n. 1, p. 131-148, 2007. <https://doi.org/10.1080/17508480601120954>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GOODSON, I. F.; GILL, S. R. **Narrative pedagogy: Life history and learning**. New York: Peter Lang, 2011.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. **Handbook of Constructionist Research**. 1. ed. New York: The Guilford Press, 2008.

- JOSSERSON, R. The ethical attitude in narrative research: Principles and practicalities. In: CLANDININ, D. J. (Ed.). **Handbook of narrative inquiry: Mapping a methodology**. Thousand Oaks: Sage, 2007. p. 537-566.
- JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 3, p. 413-438, 2007.
- KIMMEL, M. S. **Guyland**: The perilous world where boys become men. New York: Harper, 2008.
- LIEBERMAN, A.; MACE, D. P. Making practice public: Teacher learning in the 21st century. **Journal of Teacher Education**, v. 61, n. 1-2, p. 77-88, 2010.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MAC AN GHAILL, M. **The making of men: Masculinities, sexualities and schooling**. Buckingham: Open University Press, 1994.
- MARKHAM, A.; BUCHANAN, E. Ethical decision-making and Internet research: Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0). **Association of Internet Researchers**, 2012.
- MARTINO, W.; KEHLER, M. Male teachers and the "boy problem": An issue of recuperative masculinity politics. **McGill Journal of Education**, v. 41, n. 2, p. 113-131, 2006.
- NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- PINAR, W. F. **What is curriculum theory?** 2. ed. New York: Routledge, 2012.
- POLKINGHORNE, D. E. Narrative configuration in qualitative analysis. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 8, n. 1, p. 5-23, 1995.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Thousand Oaks: Sage, 2008.
- ROSENBLATT, L. M. **Literature as exploration**. 5. ed. New York: Modern Language Association of America, 1995.
- SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TRACY, S. J. Qualitative quality: Eight "big-tent" criteria for excellent qualitative research. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010.

WENGER, E. **Comunidades de prática**: aprendizagem, significado e identidade. Lisboa: Edições 70, 2022.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a "reflexão" como conceito estruturante na formação docente. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 535-554, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200012>. Acesso em: 19 ago. 2024.